

O POTENCIAL INFINITO DO PENSAR

Marcelo Andrade dos Santos

Aluno do Curso de Filosofia da Universidade Mackenzie

Analisando as conquistas do homem nas ciências, vemo-nos assombrados com o potencial do que nos é possível pensar e criar. A relevância da viagem espacial, da descoberta dos antibióticos, da evolução da tecnologia e das conexões nos mostram a importância da relação do homem com a natureza, de seus experimentos, das descobertas físicas, químicas e biológicas. Essa relação nos evidencia seu poder transformador, sua essência dubitativa em busca de significações, seu campo do pensar que com frequência lhe aponta os limites frágeis e possivelmente osmóticos do pensamento: se a frágil membrana que divide o pensar científico do metafísico impõe ao pensamento um potencial transgressor, ao mesmo tempo lhe permite alcance infinito.

Em um primeiro momento, antes mesmo de conceber a criação, o homem vê-se preso aos grilhões da sociedade. Um pensamento livre consiste em poder pensar sem a intervenção de amarras religiosas, éticas e culturais. O cerceamento do pensamento não lhe permite sua total autonomia. Seu alcance, sustentado na comodidade dos padrões e doutrinas culturais, é, pois, limitado, não lhe permitindo desdobramentos fora da esfera em que é concebido.

Por outro lado, observamos que os limites da nossa imaginação são desconhecidos. Como identificar então a gênese desse pensar? Quais formas serviriam de base para engendrar as ideias? Para Platão, somente nos lembramos das ideias que já existem na nossa mente. Todas as formas vêm de vidas anteriores e nosso papel seria o de reconhecê-las sob as figuras que nos são apresentadas. Já para Locke o conhecimento tem origem externa. O homem é como uma tabula rasa ao nascer e vai apreendendo do mundo aquilo que lhe é apresentado. Um homem isolado da sociedade pode sonhar com um objeto que nunca viu? Pode conceber as formas de um robô, por exemplo? Ou um avião? Possivelmente a resposta é não. À medida que se entra em contato com uma nova realidade, seus pensamentos são sincronizados com as novas ideias apresentadas, permitindo-lhe conceber ideias e formas inéditas.

Assim o homem consegue alcançar com o pensamento somente o que lhe é apresentado. Seja através de experimentos, seja através de causalidades, o novo vem somente após sua gênese. Nada do que queiramos imaginar, por mais espetacular que seja, por mais inovador que desejamos que pareça, não

contém em si elementos de figuras que já existam. Pensar em uma ideia ou conceito original consiste em pensar algo que nunca foi elaborado antes. O homem consegue pensar, ao construir o telescópio, em como será o objeto a ser analisado no espaço. Mas essa imagem só se torna real quando se entra em contato com ela. O homem pode imaginar como será o campo desconhecido do universo. Mas esse pensar é impreciso, pois carece de elementos preenchedores de veracidade de conteúdo, que validam a realidade à percepção do homem. Porém, como podemos precisar que os objetos ainda não conhecidos por nós, terão sua própria realidade, sua potência, atingidas pela nossa razão? Uma descoberta, ao ser engendrada, tende a ser sistematicamente classificada, catalogada pela ciência e pelos nossos sentidos, pois é urgente a necessidade do homem de classificar seu significado. Mas e quanto aos conceitos metafísicos? Estes são classificados de uma maneira particular, pois o sentido, o significado muda de acordo com o indivíduo. Cada pessoa tem uma maneira diferente de conceber a existência de Deus, a noção do infinito, os limites do universo. A ciência tenta encontrar soluções para este impasse, mas com o correr do tempo, fica cada vez mais claro o labirinto inextricável em que essas ideias se encontram. Seria possível transgredir esse limite do real através do pensamento?

Não podemos negar o alcance infinito de nosso pensar. Porém, a concepção da ideia fica presa à esfera do que conhecemos e do que acreditamos. A esfera não tem limites, mas a linha que se curva sobre si mesma e constitui sua forma, ao mesmo tempo a limita, separando seu interior do exterior. Este caracterizado pelo inimaginável, pelo irreconhecível é o campo do alcançável pela direção do infinito.